# ilha

Gabriel da Costa

# Ilha

por

Gabriel da Costa

# Ilha

Não aprendemos como amar

E se for isso

Uma versão desfigurada da coisa?

Fincamos nossas bases num pó de terra estéril

E por carecer de referencial

Chama-se erva-daninha de filha

Abraçamos, tomamos pra si, chamamos de eu

Uma estrada que, de muito se desviar,

Virou veia que corre sangue pro nenhum

Ficou órfã de caminho

# Pras mães que também são pai

Pras mães que também são pai

Que são massapê

Onda brava

Olho de águia

Pras mães que tem no seu coração,

Um ninho inesgotável.

Pras mães que só dormem

Quando o seu outro

vira um céu tão maior

capaz de abraçar o mundo além-você

E aí tornam a acordar

Já que, filho longe

é deserto.

# Transa

Tabu.

Tabu.

Têmporas tremem temperamentais

Tolho tremeliques toscos

Tez a tez, tocam-se tímidas, tropicais

Terríveis tentações trovejam triunfantes

Tamanhos travam, trazem, terminam

Titubeio todo tripé, travesso.

Temores tentam temporários

Tesões transam tempestades tropeçantes

Tomo tudo, tangendo tango tenaz

Trapezistas, trocamos tamborilantes

Tórax tenso.

T-shirt, tecido e torso

Testas tortas, tocam-se

Travesseiro.

Tudo tênue

Tudo tácito

Tudo turvo

Trejeitos tântricos, taras

Tatos tacanhos trepam teimosos

Terminou?

Terminou.

Tá bom

Trago.

Tusso.

Trago.

Tchau.

Te amo.

# Andor

Pra o poeta de amor

A dor é matéria-prima

Com tudo se tem a rima

Um "oi" já é todo um clima

Coisa assim pequenininha

De sal uma pitadinha

Que a fome faz o sabor

Você é tipo mistura

Das magias mais intensas

Dos toques mais intangíveis

Dos temperos mais incríveis

Um chá pra trazer a cura

Pra o poeta de amor

A dor é matéria-prima

Faz flor o que é espinho

O só vira bem juntinho

Coral bem devagarinho

Rosto mulher de andor

# Biografemas

concha casca coração

Bloquinhos de casa madeira

Montando sem afobação

Sozinho a tarde inteira

Invento mil brincadeiras

A vida é vã e é vão

Meus olhos molham embaçam

Imagem escorregante

O amanhã que se foi

Me torno sempre a chorar

E nunca mais vai ser antes

E nunca mais vai voltar

Nem Barbie nem G.I Joe

Na brincadeira da cena

Se faz a fabulação

A boneca vira gente

O bardo e o violão

A fada que rouba o dente

Nariz enlarguece no não

O meu chão suas pegadas

As mãos são  luz e a sombra

Do teatro na parede

Os bichos de George Orwell

o pensar sempre tem sede

o som transversal penumbra

Do que a cabeça lembra

De tudo olfato cheire

De tudo a palavra lavra

Só sei que o livro livra

Só sei que sílaba salva

Profetizou Paulo Freire

A fome só quer o agora

Por tu espero o depois

Agouro de guerra e grito

Ouvi por aí o ditado

Li no verso do retrato

Que um mais um não são dois

É no correr da esperança

Praias crianças brincantes

Um lugar feliz no mundo

Esqueça o frio e a água

Mande embora medo e mágoa

Mergulhe de vôo e de dança

O miaeiro e o ouro

A Emília e o visconde

Verne mil léguas distantes

Das fábulas mais brilhantes

Sonhante amor duradouro

Jade várias noites mil

Nem tudo que reluz é choro

Nem tudo que explode expande

E cante desafinando

Com plateia ou no chuveiro

Tudo que o sol toca

Estrela vestida de escuro

Nordeste do mundo inteiro

Que o céu afoga esconde

É pássaro é pio e poleiro

Quero colher cada lágrima

No apertar da saudade

Encasular todo o tempo

No vir a ser da idade

Quando a saudade apertar

Quando tua voz chamar

É só de novo eu plantar

Fazer brotar mocidade

No monóculo da foto

te vejo em frame-mistério

A inteira toda essência

Na viagem congelada

O teu corpo é existência

O teu cheiro é evidência

O teu olhar é império

# Península

É pior pra mim saber

A dor longa brevidade

Fecho os olhos pra não ver

os poros choram saudade

Quebrado pela metade

O meu coração escombro

eu cavo uma claridade

De joelho no teu ombro

Eu viro bicho península

A pele cheia de ilhas

Feridas por minha pele

Caminham léguas e milhas

Sou eu meio passional

Um homem insegurança

Menino olhando pro céu

Um velho corpo criança

# Traço

Se encontrar minério igual

Ao granito dos teus olhos

Vou semear

Pra ver se nasce árvore de você

Engarrafei mensagens

e lancei ao mar,

até que tudo virasse vidro,

mas nunca achei nada assim.

Desenhei imagens

Com a tinta das nuvens

Até bordar todo o prado

Como uma boca carmin

mas nunca achei nada assim.

Nada feito com destreza,

Um bordado colorido,

com rosinhas ou relevos,

Só traço torto, tristeza.

# O coração já  escreveu

Tá frio agora

Tô sozinho na sala

comendo pizza gelada de ontem

com tang laranja

A cada sopro de ar

Eu me assusto

Meus cotovelos doem

os dois

Ler você

é me encontrar

na sua tristeza

E te perder

Te perdendo eu me acho

Te perdendo eu me acho

Caí na volta pra casa

Não morri,

mas foi como se fosse

Falei hoje, falei que essa desorganização

me tirava do mundo

Tava frio lá

Eu devia ter pedido pra desligar o ar condicionado

Devia mesmo,

não sei porque não falei nada

não sei porque não falei nada

O nó na garganta

se confundiu um pouco com o frio

Mas já me apaziguei com o ato de chorar

e dessa vez foi quase

Chorar é como isso aqui

Uma comunicação honesta, afetuosa

Névoa? Sim. Mas honesta

E meu cuidado é esse

O de não cair na minha própria farsa

Da história contada pelo leão que vence

Não chorei me colocando do avesso,

nem quando caí

e ralei o cotovelo hoje

voltando pra casa

Mas quase foi dessa vez

quando lembrei que

o coração já escreveu

# Escrever pra curar

Falei ontem mesmo

Num salto, um atrevo

Bem assim em riste

"Nunca mais escrevo"

Mas logo senti fome e sede

Esqueci meu nome, não queria rede

Me veio então ofertório

Bem assim contraditório

Do coração que ferve gelado

Dos poros que suplicam

E da mão que insiste

Tremi dizendo "não tem jeito"

Escritor sem escrever

É vida sem fuzuê

É carnaval sem frevo

É oração sem sujeito

# Corpo estrangeiro

Nasci no beijo

Morri no abandono

Morrei no eterno sono

desintegrei que nem seixo

Meu amor escondido

Por debaixo dos panos

No batom guardanapo

Que eu dobrei no meu bolso

Sai dali estrangeiro do meu próprio corpo

Procurando uma coisa  no ar

Talvez uma piada por telepatia

pra te sorrir clandestino

E daquele grão-momento

Fazer o roux dos meus dias

Pra te rimar por inteiro

E tu sorrir bem de canto

# Quando a canção se fez mais clara e mais sentida

A tristeza me cavou o peito outra vez

atacando em várias frentes

Como se recobrasse a consciência,

e para fazê-lo,

tivesse que roubar a minha.

Foi não, foi não.

Cavou foi folia

Findou me fazendo festa

a clareza da canção

Coragem e covardia

É como um tema incidental

Tocado na chuva

E quase que eu digo o seu nome nessa poesia  agora. Sem querer.

E de repente me vi assim

Tão seu

Tão somente

Só seu

Bem completamente

Entrou não sei como

Um vagalume no meu quarto,

ficava batendo dócil na janela,

procurando o embora.

Tentei fotografar,

mas luz não aprisiona

rapideza do agora

Vovó falou que mel cura a garganta,

mas é tão doce que amarga

Daí então veio o sol pra me lembrar do que é bom

Como é engraçada essa cidade

Como é curiosa

uma alquimia de chover num dia

E esquentar no outro

Dizem que a febre do corpo

Que vem do amor meio torto

organismo reagindo ao hostil

Que será então?

Que será então?

quando eu vejo você

Coração a mil

Chegando ao dizer "ação!"

No meu sonho febril.

# Falso brilhante

Entre eu-tu distância e ar

Persigo que nem cigano

Sherlock com o seu Plano

Pareço filme noir

Sorriso em tecnicolor

Os feixes de luz em Tron

Bahias e choques elétricos

Sorrisos cajú neon

Coração hipocondria

Palavras errantes Tom Zé

Da que some encanteria

Do pavor do encontro

Aí meu Deus como queria

Acabar o mal me quer

"Oh meu querido diário

Me dê um caminho contrário

Desse meu falso brilhante

Sou persona sem jornada

Sou pirata sem corsário

Mas acredito em João Bosco

O amor não é tosco

Nem muito menos é fosco

Ele mora em sagitário"

A mulher que virou fera

E se sumiu na penumbra

Na fumaça e o escuro

O jogo de luz e sombra

No circo virei criança

Ouvi um berro,

Ouvi um urro

E entreguei meu futuro

Do uma vez só o era

Diamante de mil faces

O herói de mil foices

Que me corta até sangrar

A minha querida quimera

Espelho engana o olhar

E o amor sempre espera

Sloper da alma brilhar

# Sal

Calma, calma

O dia vai embora

Assim que a noite chegar

Tem medo não

Tem medo não

Não vai afogar

Não vai afogar

Vamos fingir,

vamos fingir que as gotas são

criaturas da poesia

A magia do mundo

Brincando com chocalho de areia

E não coração em pedaços

Vamos fingir que  o abraço já vem

Tem dias que são como navegar

Tem dias que são longos

Como o olhar da chuva

No vidro do carro

que se busca ar e não tem

que nem na vez em que virou o caiaque

E eu me afoguei

E eu fiquei uns segundos ali

Que mais pareciam anos

Calmo

E quando então alguém me puxou de volta

Parecia que tinha me devolvido a vida

Não sei se gostei

Sei que chorei

Fiquei com vergonha,

o sal dói os olhos, sabe?

E o rosto fica feio quando eu choro

Mas apesar do susto

sonho com aquela paz de novo

No abraço que nunca tive

Não pude ficar muito tempo

Dizem que se ficar demais embaixo d'água

Que se faltar oxigênio na hora do nascer

O pulmão se afoga

O bebê malforma

Quem sabe outra vez

Quem sabe outra vez

# Jardim de vidro

No encalço do olhar

A flecha foi disparada

O vestido está guardado

O destino está traçado

A sorte já foi lançada

A cantiga criança

O castelo de areia

"Meu primeiro amor

Tão cedo acabou

Só a dor deixou"

E se esfarela, vira grão

Desfaz teia

Eu sigo os teus passos

Me amarro em teus braços

Uma coisinha assim

Com medo de crescer

E do bicho papão

Mas dor não vem em vão

É teatro de bonecos

E sombra de assombração

Fiz de mim o que não fui

Vi em tu o que eu quis

Traí minha própria lei

Gritei a dor que não coube

Falei sobre o que não sei

Chorei sobre o que não soube

Perdi coroa de rei

Janela a janela

Muro a muro

Te vejo buraco da fechadura

Eu sou o que não queria

O ser estrangeiro

O homem

O olho que olha

Escopofilia

A pele expande astuta

A roupa já molha enxuta

O perfume se espalha mudo

Separados eu e você

Por um lençol de veludo

Me encarrego então

de segurar com as mãos a jóia,

A charada sincopada

o segredo

a pedra intocada,

e amanhã fui zeloso

Como se na cor brilhante

Ainda sobrevivesse,

mesmo que bem distante,

O sentimento ancião

Furo minhas próprias órbitas

Durmo breu

E carrego comigo

O teu coração

Belo nobre amigo

# Amor Romântico

Até pra te abraçar eu vou cabreiro

Pra te olhar

Pra te ouvir

Tento evitá-la

Num sumir adiado

Fugir dos caminhos do teu corpo

Mas o toque chama

O cheiro vem

O olho busca

Queria ter pra te dar

A mansidão

As lágrimas enxugadas

O vai ficar tudo bem

Uns minutos de esquecimento

A voz materna

O não importar do amanhã

A simplicidade que deveria ser

Mas o tempo é soberano

Não importa que não seja eu

A alma romântica dorme em paz

Assim que sabe

Assim que sente

Que seu outro está também

feliz

# Neblina

E não me entenda mal

Te amo em silêncio

a galope

Do tempo parado

O creme nas mãos

Dos pelos da nuca

ao cabelo preso

Queimam mil sóis

Em sio

Porém se estranha no peito

O amor deu defeito

E já não ama mais

Não dá pra esquecer

Não dá pra esquecer

Se dá alegria faz também sofrer

Morrem peixes pela boca

Me escoro

Coloco em espera

Mas Inês é morta

Cultivo seu nome

E nada germina

E já se termina

E se desentorta

# Noite

Esses dias perguntei "será que Deus me conhece?"

Não sei

Aliás, não sei de muita coisa

As vezes é um prazer não saber

As vezes é um calvário (quase sempre)

As vezes olho pro céu e lembro de mim menino

Imaginando cada meteorito um embrião

Vendo "cosmos" de Carl Sagan pela primeira vez e maravilhando

Com sementes de dente de leão

Essas dúvidas se amontoam

E vão permanecer, eu acho

Lá no fundo

Até que eu durma e deite

Até fechar a pálpebra do mundo.

# Viver a pergunta pra ter a resposta

Jóia rara

Que me faz viver a pergunta

Pra ter a resposta

Do roubo da ficção

Da morte da dicção

De não me importar em ver mais tons de verde

Da deslealdade que fica pro mundo

Do amor que provém da quase total devoção

Das crianças livres de Taiguara

Da dor que dói

Da dor que para

Ferida rói

Ferida sara

De Vander Lee a alma nua

Dragão-eu

Fortuna sua

Corpo que cai

Corpo que cura

# No piscar do olho

Estava entre uma coisa e nada

Vagando

Teclando só pelo hábito

O dormir acordado

A luz fria da tela

A luz fria dos carros

E então me assustei

quando vi o céu vertendo até mim em câmera lenta

Achei que fosse o sono

E sorri

Sacudi a vista

E era real

E era tão rápido.

Que nada garante que foi

# Degelo

Meu celular ainda lembra dos teus áudios no whatsapp.

Ficam salvos

Esqueço de apagar

E quando estou ouvindo música

É certo que vou ouvi-la falar

Sempre me assusto

Assusto porque naquela fração penso que, como mágica,

é você falando comigo, falando pra mim.

E aí eu lembro que não

Lembro que repetir

abrir a geladeira de sempre em nunca

só pra olhar

Não vai mudar o que tem dentro

Pelo contrário

Vai fazer com que venha mais rápido

o degelo

# Antena Mulher

Na linha tênue do tato

As manhãs frias de abril

Na verve do toque e atrito

Da sede do novo

Do nascer do mito

Com a cabeça feita

Olhar sempre a espreita

Uma antena mulher,

A águia que serra vista

Viva, vasta, afiada, arisca

Nunca de atena, pois é

Do fato e do sonho

Que não dá mole não

De grito e olfato

Dos olhos castanhos

Fogo de inquisição

Do riso que espalha

Numa mão um bordado

Do clarão que acende

Na outra um forcado

De coração lá fora

Lá dentro um bocado

# Afresco

Palavra crua que trava garganta

Uma flor nascendo em dia de Sol.

O ontem que morre, o hoje que basta

A grama, vida, estio e a planta

Desenho giz e flor de papel

Nunca esquecer que o céu te merece

Tanto cair que amadurece

Que seu jogo eu quero sempre perder

O ar faltando, mas não de tristeza

Música que toca na ponta da agulha

Pintar dezembro antes que a tinta seque

Flores caindo de tanta beleza

Evaporar até nunca ser

Da tua música, eu menestrel

Pular janela mesmo tendo a chave

Quando eu chorei ouvindo Milton cantar

Cabeça cheia de corpo padece

Caleidoscópio só de coisas lindas

Palavra mansa quando estiver mal

A pausa longa de uma semibreve

Furo de agulha lá no coração

No chão da pele só se vê ranhura

O banho de chuva quando era criança

Acender fogo só com uma fagulha

Comprei vinil de acorde igual

Tu tem "O som, a cor e o suor"

E eu vontade de te dar o mundo

Quem ama sofre, mas nunca está só

E te sorrir onde a vista alcança

Coisas da vida sempre dão nó

Meu coração que nunca te esquece

Da vastidão, da queda sem fundo

# Tantan

Cem sonetos é até pouco

Quando tú tá fico todo topázio

Todo tantan

Sem treva nem tirinete

E no afã de fazer seu riso

A vida molhando o pão com café

e sentada num tamburete

# Ai de mim se não fosse eu

E vendo então tua pele

Lampejo veio cortante

Nos cantos escuros da mente

E nas grotas mais distantes

Você é meu massapê

Vale o esforço do canto

A energia vital

Cada gotinha de pranto

A rosa das  bem delicadas

Um beija flor sibilante

A mente pregando uma peça

Me fez surgir a figura

Beijar o tecido da tez

Iria te trazer cura

Depois eu achei foi graça

Apareceu que nem raio

Essa meninice errante

Então se sufoca o gesto

E racionaliza o instante

Sem bardo nem alaúde

Ou fogo de prometeu

Cavalos nem terra seca

Palavras e amiúdes

Não teve nem  o teseu

Aí de mim

Aí de mim se não fosse eu

# Fresta

Não se deixa de sentir então.

Vai se é aprendendo a coexistir saudável.

O que corria solto antes,

deixa então de andar livremente pelos corredores.

Fecha-se as janelas,

tranca-se as portas,

as velas se assopram.

E a humanidade que vem

é o que sobra das vozes dos vizinhos.

Amar é também esquecer.

# Propagnosia

Mandei meu amor pro exílio

Parei de ouvir seu olhar

Fiquei cego da sua voz

Fui peregrino de mim

Já que esquecer

se faz esquecendo

Recorta-se os rostos das fotos

Risca-se as músicas nos Viniś

Numa blackout Poetry da cabeça

Propagnosia forçada

# O outro lado da pele

Aquele "ééeeee" desafinado,

No começo de frase

A prece, o ritual e o pão diário

O matar da sede

O olho brilhando

O dissecar das coisas

O fugir da lente

A segunda pele

A terceira máscara

A fundura do poço

As sombras do futuro

O projetar na parede

O cheio de intraduções

O eterno mistério

O colorido rosa

O vermelho ardente

Aquela do Vander Lee

A comida que gosta

A frase que posta

O viver de saudade

O voltar pra seguir

O caminhar pra frente

O reger do sim e do não

O remorso no canto

O crepitar coração

O sorriso moço

O gracejo torpe

A palavra que acalma

O mundo que vibra

O plano inclinado

A música que é alma

A vã poesia

No pé do ouvido

A fronteira fina

Entre o dado e o escolhido

O vaso quebrado

Mas com kintsugi

A ferida que fere

O outro lado da pele

# Semente

Malditos aqueles que violentam os ares sutis

Que deformam o outro a ponto dele nem se lembrar quem foi

Os tambores sagrados bateram pra ti, saiba.

E os verdes vales ficam ainda mais verdes na tua presença

A cegueira, fronteira e a crença somem

E o idioma é único, um lugar comum por onde passa

Porque você é fogo,

E fogo é luz

E fogo queima tanto quanto brilha

Desfaz e evapora quem não merece

E eleva e ilumina os como você

E você vai estar aqui quando ninguém mais estiver

Porque a vida te deu olhos, palavra e pensar

E você escolheu fazer disso semente de bondade

# Interior

Vá até a praia

Se esqueça do medo

Molhe os pés

Eu guardo teu segredo

Transforme trincheiras em rosas

Seja leão, seja yoga

Esteja sempre de passagem

Seja rumba, seja prosa

Me conta,

Me conta da próxima viagem

Seja a terra que se acaba antes do olho

Explosões que de tão dentro já se mudam

Que doem até dormir

Que não são míngua nem mágoa

Mas esquece não, tá?

De dar tchau antes de ir

Balance, vergue, mas não caia

Tá, canse as vezes de ser corpo

Canse as vezes de ser valsa

Me diga coisas que não lembro

Mas que todos os meses pra ti,

sejam dezembro

Pinte as estrelas no céu

Se refugie em si

Seja um peixe num aquário grande

Nem plano, nem cartesiano

Mas seja dos que foge

Dos que ganha o oceano

Guarde o que estou lhe dizendo

Pode ser lâmina, mal ou veneno

Nenhum desses te alcança

Você veio pra colorir as tevês P&B

Pra fazer o mundo abrigo

E dizer pra mim e pro resto

"Vá pro inferno, você e seus imperativos

## Luzes

Todo dia é noite

Todo dia eu te espero

Quando tô sozinho choro

Não penso nem pondero

Dias secam somem

Na lembrança do talvez

Tato toca cego

Cheio de insensatez

Final de semana

tem cerveja pra lavar

Oi, me vê a conta

Amanhã vou trabalhar

Cabeça de prego

Um troço assim sei lá

Feijoada e pimenta

um treco um bafafá

Motoboy na rua

Pra ganhar tem que rodar

Sem Benzetacil

E nem ar pra respirar

Chuva chove ácida

Tem tempo nem pra pensar

No rosto uma plástica

Pro sorriso não parar

Corro maratona

Energia pra queimar

A casa uma zona

Amanhã vou arrumar

Todo dia é noite

Todo dia eu te espero

Ar poluição no céu

mata borrão e berro

# Reconversa

Já devo ter falado sobre isso

corrido por entre as cobertas

explodido com rosto sereno

caído em dúvidas gigantes

daquelas coisas distantes

dessas que a boca cala

ou de matar elefantes

bem no meio da sala

afogado em cores diversas

Já devo ter falado sobre isso

mas quando era jovemzinho

choveção e desamparo

tentando lembrar cosenos

dissolvendo auto-veneno

no banco de trás do carro

uma ânsia delirante

com medo do branco da prova

com medo do que vai ser antes

Me veio os olhos de pai

em falação todo prosa

Voz saindo do retrovisor

E em seguida uma fala

Bem certeira e vagarosa

Cortando sereno distante

De sábio que sabe demais

*"Filho,*

*quando se é pequeno*

*tudo é grande"*

Atravessou que nem bala

E me soou que nem gandhi

Quem sabe amanhã eu entenda

Que futuro não avisa

Muito menos diz já vou

Só vida vã que se vive

De concordância errada

Olhando prá trás na estrada

E dizendo "ontem eu sou"

# bobagenzinhas com cara séria

Querer bem é que nem dança

Não mata

Não morde

Nem cansa

Energia que não esgota,

Sorriso manso que brota,

Das pedras que sobem do chão,

Do sol que lava o verão

Tu se banhou com lava quente sem sentir frio.

Parecia guardar todas as soluções

no seu sorriso, e todo barulho bom do mundo

num chocalho de guiso.

Se firmar na terra como arresta que verga, mas não quebra,

e ser uma tardinha boa, lançando mil teorias nas curvas do tempo.

Falando assim

bobagemzinhas

com cara séria

só pra me fazer rir

Querer bem é que nem dança

Não mata

Não morde

Nem cansa

# Frisson. (s.m)

*1. Excitação súbita causada por algo ou alguém*

*2.Impacto, comoção, ou impressão forte.*

*Do francês frisson 'arrepio, calafrio'.*

O alvoroço paira,

o pássaro pia,

a moça que espera na fila pra pagar a conta de luz, tamborila os dedos,

conta as moedas.

o escritor corta a sentença com um ponto.

A desorganização vem num desvairo.

Na Grécia é tradição, tradição quebrar louças, espanta os maus espíritos. Dizem.

"Quebrei um prato"

"Quebrei um pranto"

Tá tudo bem?

Tá, tá sim.

Parece que não.

Porque?

As vezes você fica meio assim

Assim como?

Aéreo.

Não, não. Quebrei não, quebrei fica estranho. Esmigalhei é melhor.

O que você falou? Esmigalhou o que?

Nada não.

Tá vendo, ó. Fez de novo...me dá isso aqui, me dá esse celular.

Terror. Tudo parece tão passível de análise, tão interessante, mas tão bobo, tudo assim, ao mesmo tempo, de uma vezinha.

Frisson.

Toda casa de vó tem um desse, né?

O que, moço?

Duralex, o prato. Azulzinho.

É, tem.

Dizem que não quebra nunca.

# Amores brutos

Esse é um poema sobre amores brutos

Que se tropeçam em pontos e vírgulas

Há algumas semanas conversei com alguém

Que tinha sofrido um

Sofrido ou tido a sorte?

Enfim...

Só sei que bradava numa mistura

louca

doce

Intensa

e brilha-olho

de algo que, certamente, não tinha serenado

Falava que amou ele foi muito

Falava que não podia esperar mais

Falava que por mais que ainda quisesse

O tempo havia passado

E ele não dera valor

Falava elevando a voz

Se perdendo entre realidade e sonho

Eu nunca tinha visto algo assim

Um pesar e uma alegria em falar de alguém

Era como se as borboletas no estômago,

Mesmo mortas,

Ainda brilhassem.

# O cacto e a Begônia

Da terra do meu peito

se abra um cacto

Espinhoso

Sofrigélido

Que me morde com meus

mesmos dentes

E que dessa mesma terra

Também nasçam begônias bem bonitas

Um rasga e parte na espinhação

O outro, a begônia, floresce e existe

A cinza de um

é semente do outro

Num "tom do pastor"

Num nunca-acabar

Não se conversam

Nem coexistem

O cacto não entende

porque tem que ferir pra nascer.

A begônia, coitada, quer ser fúria,

quer usar as pétalas pra enforcar.

O cacto por sua vez, queria tanto,

mas tanto

menos aridez.

Queria um abraço

Mas em uma coisa a begônia e o cacto são um:

Compartilham a dor universal.

Seja no choro, na saudade,

Ou no soco na parede do tórax.

A saudade esgana

E mata de sede

Ou se chega perto

E afoga-lágrima

Não se corre de saudade

Pra onde for ela vai

Não se morre de saudade

Você enterra ela trás

A begônia e o cacto sabem disso

E querem simples:

Sonham em engravidar o tempo

Em mal pensar o futuro,

e que ele, obediente,

Já se erga

## Me mande notícias de mim

O fôlego ainda me assusta,

lembrando da sua voz

Mantenho seus olhos nos bolsos

Universo

Casca de noz

Ontem me ligue de noite

Que eu sonho o seu mistério

Na recusa de dormir

Mainha me abraçou hoje

Fez cafuné na cabeça

Por que você faz assim

Roubando meu eu de mim

Te amo, nunca se esqueça

Eu vou mudar, eu vou mudar

Mesmo mudo, mesmo sem mar

Se o amor me chamar

Eu planto semente no chão

Giro mundo no recôncavo

E faço crescer na sala

Um baobá coração

Devia ser crime acordar

O amor de um outro alguém

Sem intenção de amar

Fazê-lo morrer refém

Mas a culpa é mesmo minha

Que deixei planta crescer

Reguei fazendo nascer

Sabendo ser erva-daninha

Mesmo sem verba pra viver

Não deixo o verbo morrer

E se me vir por aí,

no jornal ou na TV

Me mande notícias de mim

# Roga

dá-me dias para te viver

que todos os anos sejam bissextos

dá-me os feriados em teu nome

que saiam nas ruas felizes todos

que brinquem e dancem num sempre carnaval

dá-me tecidos para te cobrir

e se não forem suficientes a te esquentar

peço emprestado a camada primeira da terra

que fez e nutriu a vida

dá-me as palavras que eu não consigo te dizer

dá-me o chão que tu pisa

e o seu  horizonte de sonhos

dá-me a calma e a serenidade

pra te entender

e se não for possível,

dá-me o tempo

pois o tempo sabe

dá-me o choro,

pois só nele

(e através dele)

é onde serei humano e frágil

é onde serei maduro

pra saber o que é riso

dá-me um pouco da tua dor

e do passado ruim

que mesmo eu

paralisando de medo

vou tentar fazer luzir e aplacar

dá-me tua presença

ainda que pouca

pra mim, será total,

de invejar os deuses

eu,

um simples mortal.

## A hora íntima.

Estamos sós um de frente pro outro. Nada há para além de silêncio e fome. Não é fome de comer. Sua beleza ainda me estremece de um jeito que eu nem sei, de um jeito que eu nunca vi. Você veste uma roupa cinza com detalheszinhos cor de rosa. Os cabelos estão presos, e eu sinto que posso ficar ali parado tanto quanto der, emudecido. Poderia. Se não fosse estranho. E aqui é um parêntese interessante, nossa memória é ardilosa em alargar ad infinitum os momentos, fazer ser muito mais do que jamais foram.

A mesa à nossa frente está vazia como uma ceia reversa, a fome ainda está lá. A única coisa que sobra é nos servirmos da mútua companhia, é o limite possível de aproximação, mas há ainda um medo latente, uma mudez. Minhas mãos estão suadas e, mesmo o ar-condicionado gelando tudo por inteiro, o calor se pega a mim, vai se assentando, até enfim congelar.

Enquanto você fala, penso em perguntar se não quer pedir algo, mesmo já te conhecendo o mínimo pra saber que a resposta é não, que ali não ia servir nada que te saciasse, e que a minha resposta também seria não. Mas é só pra ter o que falar, pra sentir que a nossa relação não secaria tão precocemente, e ia virar o que sempre esteve fadada a ser, só pra fazer durar e correr evitando o silêncio do início.

Seus olhos são grandes, grandes e lindos. Me dão um pouco de medo. Você mostra alguma coisa no celular e ri. Enquanto isso, eu olho pro seus olhos e penso sobre como os amo, e depois tenho vergonha disso, tenho medo de ser tão óbvio assim no meu rosto. Rosto que, diferente do seu, nada tem de mistério. Fracasso muito em me esconder de mim.

Na tentativa de esquecer dessa vergonha, falo algo que, acho, é minimamente engraçado. Mas quero mesmo é que você continue falando. Não, quero querer o mesmo que você, e ter, de algum jeito, o privilégio de saber o que é antes, que aí me antecipo em te decifrar, em te acolher. Os sabedores de relacionamento, os coaches, podem até me julgar, dizer que não é bem assim, que não funciona desse jeito, mas não importa. Não importa.

Lembro de "Jules e Jim", em certa altura do filme um dos personagens diz que é um curioso, que aprendeu que ser curioso é a melhor das profissões. Pois, aqui se aplica também, eu acho. O melhor lugar pra estar é ser curioso do outro, antropólogo casual. É estar tão repleto de nós mesmos, que migramos até a "subida mais escarpada e a mercê dos ventos", que pra nós é na verdade, a melhor possível das montanhas, a melhor das subidas, mesmo que cair dali seja sempre uma possibilidade.

As coisas mudam um pouco. Antes, a dinâmica que me constrangia, de falar e uhum, entendi, e rir e ouvi-la, se acomoda em mim um pouco, até envelhecer e deixar de ser novidade. Sinto um pouco de desespero nisso, como se, em segundos, tivesse sentindo a coisa que sentem os que estão há décadas juntos e já não há mais o que ser falado, comentado, reiterado. Só que aqui é ainda pior, pois somos completos estranhos, completos estranhos que não sabem como deixar de ser.

Quase em desafio, faço um comentário ácido, engraçado, pergunto algo pra te tirar do prumo (O que não acontece. O que na verdade, só faz eu amar mais seus olhos, porque eles, porque você responde como uma tenista voraz, de reflexo impecável)

A essa altura, nós dois, na avidez de ignorar a tensão no ar, e a quase nula habilidade social, essa coisa de não saber ser alguém para ninguém além de nós mesmos, vamos catando no ar as piadas, as lembranças de um passado que um não conhece do outro, na ânsia de que, Isso de alguma forma seja compreensível, seja um passado comum a ambos, que nos aproxime o coração sem que a caixa torácica seja uma barreira.

Aos poucos vamos falando sobre os nossos próprios defeitos, segredos, dissolvendo-os na água pra machucar menos (como aquela música do Frejat), mas isso logo se torna um corredor estreito de azulejos brancos limpos, desinteressante, e vamos a coisa seguinte, que é falar dos defeitos dos outros.

Não, não é bem falar dos defeitos dos outros, é mais você lendo os outros de um jeito afiadíssimo, ao vivo, uma cronista in real time. O jogo é o seguinte: olhar pra alguém e imaginar quem aquela pessoa é. A vida inteira dela. Todos os detalheszinhos. Meesmo. Até os que fogem da maioria. Pensando agora é uma estratégia interessante, desviar a sufocante

pressão de ser alguma coisa, colocar isso a cargo do terceiro, aquele que não veremos mais depois. É como um crime, um crime necessário, e o fazemos sem remorso.

Por exemplo: ele carrega um embrulho, uma caixa, provavelmente é presente, pelo nome da loja é coisa pra mulher. Casado? Não, ficando. Não tem anel no dedo. O que tem na caixa? Ah, é um sapato, um sapato bem chique, sabe, aqueles de ir pra festa chique, beber bebida chique, e depois voltar com um calo bem chique no pé.

Eu acho a maior graça, acho maravilhoso. Me pergunto se você me leu desse jeito assim que me viu, ou se lê as pessoas todas que conhece. De novo penso como amo seus olhos, mais do que os olhos, amo tudo que ainda não conheço, amo a ideia de saber tão pouco sobre você, só pra depois poder saber mais.

Estamos sós um de frente pro outro. Lembro de novo do silêncio e se tem uma coisa engraçada sobre o silêncio, é que assim que o percebe já não há mais o que fazer. Só que esse agora é um silêncio novo, pegajoso, desidratado. Um que existiu depois de uma fatia generosa de não-silêncio, por isso, dói mais ainda que o primeiro.

Lembro da fome que ainda não passou, você se empoleira um pouco na cadeira, desbloqueia o celular achando as horas, e ensaia um "já vou", que eu consigo sentir chegando, bem antes de chegar. Recebo-o como uma criança que percebe que tem que ir embora da casa do amigo, porque já é tarde. Penso em dizer "fica mais", mas parecemos um pouco esgotados um do outro, como se, por um longo tempo, nada mais precisasse ser dito, e ainda na verdade, TUDO precisasse ser dito.

Sinto que faremos essa hora ser quase infinita, ser como cem anos, de estar num futuro próximo rindo e recobrando cada passagem, ângulo, detalhe. Sou um pouco temerário, sei que essas ocasiões são raras, que sabe quando outra vez estaremos só um pro outro de novo. Na hora íntima.

Você se levanta, rimos do ranger que a cadeira faz, como se o universo nos presenteasse ainda com uma piadinha final, um arremate, e então nos despedimos. Não lembro se me abraçou, ou pegou nas minhas mãos, mas lembro de vê-la tomar distância, se apequenar, até ficar cada vez mais longe e desaparecer. Lembro de pensar que talvez, a felicidade se existir, se pareça um pouco com isso.